



**FRANCINE OLIVEIRA LÜDKE**

**AS RELAÇÕES ENTRE LITERATURA E REALIDADE NAS CRÍTICAS DE JOÃO  
CEZAR DE CASTRO ROCHA, ANTONIO CANDIDO E ERICH AUERBACH**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador Prof. Dr. Valdir Prigol

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 09/07/2025.  
BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente  
 **VALDIR PRIGOL**  
Data: 16/07/2025 18:53:38-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Valdir Prigol  
Orientador

Documento assinado digitalmente  
 **ROSELAINE DE LIMA CORDEIRO**  
Data: 16/07/2025 19:04:22-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof.<sup>a</sup> Me. Roselaine de Lima Cordeiro (UFFS)  
Avaliadora

Documento assinado digitalmente  
 **SANTO GABRIEL VACCARO**  
Data: 17/07/2025 10:19:20-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Santo Gabriel Vaccaro (UFFS)  
Avaliador

**As relações entre literatura e realidade nas críticas de João Cezar de Castro Rocha,  
Antonio Candido e Erich Auerbach<sup>1</sup>**

**Francine Oliveira Lüdke<sup>2</sup>**

francine.ludke@estudante.uffs.edu.br

**RESUMO:** O presente trabalho foi elaborado a partir de reflexões a respeito do deslocamento do livro como principal vetor da criação de leitores e das constantes modificações da crítica literária ao longo das transformações das tecnologias e mídias digitais discutidas no livro *Crítica literária: em busca do tempo perdido?* de João Cezar de Castro Rocha. Partindo desta perspectiva, esta pesquisa busca encontrar fatores que caracterizam a busca pela realidade na literatura. Esta questão parece recorrente entre os críticos do presente, no entanto, a prática também já ocorreu em críticas do passado. Para tal estudo foi utilizado o texto de João Cezar de Castro Rocha “A farda e o fardão [O espelho, de Machado de Assis]” e sua metáfora do espelho, textos de Erich Auerbach presentes no livro *Mimesis: a representação da realidade na cultura ocidental* “A meia marrom”, “A cicatriz de Ulisses” e “Epílogo” e “Dialética da malandragem”, de Antonio Candido. Ao serem analisadas tais críticas, cada uma em seu contexto histórico e social, transparecem as diferentes formas de relacionar a realidade com a literatura, bem como o comportamento do leitor ao buscar na literatura um reflexo da realidade que desperte o seu interesse na obra, caracterizando assim um movimento de leitura que busca uma relação intrínseca com a realidade nas diferentes formas e representações utilizadas pelos escritores e críticos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crítica literária; realidade; literatura; teoria do espelho.

## **Introdução**

Em sua importante obra *Crítica literária: Em busca do tempo perdido?* João Cezar de Castro Rocha convida o leitor a repensar o papel da crítica literária atualmente e sobre seu propósito moldado ao longo dos tempos, levando o leitor a repensar sobre a descentralização do livro nas discussões sobre literatura. O crítico demonstra uma postura realista ao observar este deslocamento dentro da crítica literária a partir de seu estopim em 1948, através da polêmica entre Afrânio Coutinho contra as críticas de rodapé, estas que se posicionavam entre as notícias e a crônica nos jornais das quais Álvaro Lins era um dos seus maiores representantes, portanto este sendo diretamente tocado pelas investidas de Coutinho (Nina, 2007, p. 24 *apud* Rocha, 2011, p. 11).

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientador(a) Prof. Dr. Valdir Prigol.

<sup>2</sup> Acadêmico(a) da 9ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

Postura realista porque ao longo de tantos anos, e após tantas inovações digitais e tecnológicas, é inevitável ignorar os impactos e modificações ocorridos na literatura, no modo de ler e escrever livros e conseqüentemente na forma de mediação entre obras e leitores. Após essas modificações não somente o livro mudou de formato e lugar, mas também o leitor. Ao retirar a crítica de seu espaço de prestígio e alcance popular que eram os rodapés, a literatura tornou-se cada vez mais ferramenta de estudos e teorias dentro do espaço acadêmico, tornando-se mais comum entre estudiosos, especialistas e pesquisadores ao mesmo tempo que se distanciava do grande público. O leitor comum, que buscava no jornal uma indicação de leitura, passou a obter isso de outra forma, mas isso não foi da noite para o dia, e o que antes estava disponível abertamente a quem possuísse o hábito de ler os jornais tornou-se menos acessível, pois quem quisesse ler boas obras teria que comprar livros de modo aleatório, através da capa ou de uma orelha de livro que se encontra na prateleira, ou teria que ir em busca das críticas onde elas estivessem.

Desse modo, as críticas foram se distanciando do público e perdendo-se em discursos teóricos e academicistas, sem retornar de forma efetiva à literatura em si. O que Rocha propôs em sua obra é uma revisão dos paradigmas que aproximam o leitor da experiência de leitura em si, defendendo uma crítica que possa aclarar as nuances sociais e políticas de forma instigante através da literatura. No livro ainda deixa em aberto as opções disponíveis para que se faça essa mediação entre leitor e literatura, porém em suas críticas o professor expressa o seu resultado pessoal no que se refere à sua busca pelo tempo perdido conectando de forma magistral aspectos simples da vida cotidiana do leitor comum com as entrelinhas escondidas nas mais diversas obras da literatura brasileira.

Ao analisar a teoria do espelho trazida por João Cezar de Castro Rocha a respeito da obra “O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana”, de Machado de Assis, e sintetizá-la com a teoria apresentada em “A cicatriz de Ulisses” na crítica de Auerbach pode-se ver com nitidez a busca dos dois críticos em conectar a realidade<sup>3</sup> e a literatura, em buscar na literatura uma representação da realidade. Ao relacionar a quantidade extrema de informações às quais um indivíduo é exposto todos os dias com as diversas manifestações que constroem o seu referencial sócio-cultural na sociedade, seja uma escultura, um livro ou uma música, nota-se que não é coisa óbvia ou acaso, trata-se de uma relação única e individual do ser humano com o seu entorno, percebe-se a transformação dos fatos em arte e também se

---

<sup>3</sup> Neste trabalho será utilizado o conceito de realidade apresentado por Martin Heidegger na obra *Ser e tempo*.

constata com nitidez essa transformação em “Dialética da malandragem” de Antonio Candido.

A arte que resulta dessa interação não é somente produto de encontros realizados ao acaso, por pessoas e fatos em seus contextos, é necessária uma conexão íntima gerada pelo atravessamento do ser existente e portador de uma história com a história que está sendo tecida no seu tempo e espaço exatos. Pensando na matéria-prima do que de fato essa conexão é feita, vê-se a arte como uma projeção metamorfoseada da realidade na sociedade e individualmente em cada um de seus participantes, resultando para cada um uma imagem diferente.

Em seu aclamado livro *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*, Erich Auerbach traz uma visão ampliada a respeito do conceito de *mimesis* concebido por Aristóteles, e ao longo das vinte críticas que compõem a obra Auerbach esclarece de forma inigualável a famosa frase “a arte imita a vida”. Na obra, o filólogo alemão mostra como a realidade é representada na literatura ocidental através de textos, nos quais é feita uma análise do contexto histórico em que os mesmos foram escritos, as circunstâncias pelas quais os autores se encontravam no momento de suas escritas são refletidas em suas obras.

Ao escrever estas críticas o conceito de *mimesis* torna-se mais claro visto que esta “imitação” pode dar-se de diversas formas, pois a relação gerada pela conexão de um indivíduo com o mundo sempre é única e pessoal. Dentro desta perspectiva pode-se observar o quanto o contexto histórico-social do autor está contido em sua escrita, o próprio autor de *Mimesis*, em sua condição de isolamento propiciado pela situação de guerra que se dava na Europa, sendo judeu viu-se obrigado pelas leis racistas do Nazismo a se exilar na Turquia, em exílio concebeu sua obra mais famosa. Ao analisar a forma que o escritor expressa a sua própria condição dentro de sua obra pode-se ver também o reflexo que isso gera na comunidade leitora.

Do mesmo modo, pode-se pensar toda a trajetória, enquanto crítico e historiador da literatura, realizada por Antonio Candido. Em *Literatura e sociedade* refletiu sobre o modo de olhar a literatura que atravessa todo o seu trabalho - a relação entre literatura e realidade - e que será vista neste trabalho, no potente ensaio “Dialética da malandragem”.

Este trabalho finaliza com o texto: “A farda e o fardão”, de João Cezar de Castro Rocha. Ao propor uma nova leitura de “O espelho”, de Machado de Assis, retomou o debate sobre literatura e realidade ao dizer no final da crítica: “O que revela um espelho voltado para outro? A capacidade criadora da ficção; a possibilidade de produzir imagens que sem o espelho seriam invisíveis. Eis a compreensão machadiana da potência da literatura” (Rocha,

2006, p. 6). A criação nada mais é do que a transformação de algo que já existe em outra coisa, outra forma, ou até mesmo em um novo propósito. A crítica do presente, como a de João Cezar de Castro Rocha, parece preocupada novamente com as relações entre literatura e realidade.

Assim, este estudo investigará as relações entre literatura e realidade através de críticas de três autores: João Cezar de Castro Rocha, Antonio Candido e Erich Auerbach. Dentro das críticas escolhidas será detalhada a relação entre literatura e realidade, bem como os fatores históricos, sociológicos e antropológicos que contribuem para a formação desta relação. Dentro deste escopo poderá obter-se uma visão mais ampla da importância do movimento de leitura e relações criadas pelos críticos e projetado nos demais leitores que estão posicionados em contextos históricos e sociais diferentes.

Ao analisar a crítica do presente, muito discutida em *Crítica literária: em busca do tempo perdido?* João Cezar de Castro Rocha demonstra preocupação com o lugar em que se situa a crítica na atualidade. Após a nova perspectiva de retirar as críticas de rodapé, que traziam informações sobre a literatura de forma semanal nos jornais, houve uma queda do lugar de prestígio que a crítica possuía (Rocha, 2011). Antonio Candido teve lugar de destaque nesta polêmica, destacando:

“A tarefa do ‘crítico titular’ consistia em fornecer semanalmente, sobre livros do momento, um comentário que ocupava toda a parte inferior de uma das páginas internas, o ‘rodapé’ (antigamente ‘folhetim’), subordinado a uma rubrica geral invariável, que dava nome à secção e vinha impressa acima do título de cada artigo. A minha era ‘Notas de crítica literária’ [...]”. O “crítico titular” desempenhava a função do mediador cultural por excelência, e, em alguma medida, a polêmica tratada neste livro representou a superação desse papel tradicional (Rocha, 2011. p. 12).

Nesse trecho já se pode perceber uma característica recorrente em conectar a literatura à realidade. Esta prática também pode ser considerada como uma longa tradição que auxilia a literatura a trazer de volta textos antigos tornando-os atuais novamente. Dentro desta perspectiva pode-se dizer que o movimento de conectar a realidade à literatura é um exercício ensinado pelos críticos? Feito pelo leitor através dos tempos? Desta forma a relação entre literatura e realidade é buscada pelo leitor. Será possível através deste mesmo movimento a literatura não ser somente biografia da realidade, mas também a realidade ser produto da literatura? Sendo assim, esta prática pode ser considerada também uma realidade proveniente da literatura e leitura, o que gera um norte para a mediação de leitura em contexto de ensino e educação.

Ao traçar um panorama da relação entre literatura e realidade, sua formação, origem e reflexos nos leitores ao longo do tempo, torna-se imprescindível aprofundar e ampliar os estudos diante do que pode ser uma importante ferramenta de mediação de leitura. O gosto pela leitura, e principalmente pela literatura nacional torna-se desafio nas escolas do país, justamente pela perda de espaço da literatura como base da língua e da cultura letrada em contexto escolar, que acontece aos poucos desde a década de 70, apesar de esta situação se dar através do reconhecimento da língua em sua função comunicativa, esta atitude surge como uma forma de inserir o país na cultura comunicativa de massas e na economia mundial. (Zilberman, 2019).

Ainda segundo Zilberman (2019) após as modificações de 1970, fundamentadas pela ascensão da Semiótica, a Lei de Diretrizes e Bases de 1996 institui nova organização das disciplinas distribuídas ao longo dos oito anos de ensino fundamental e três de ensino médio, logo as transformações marcadas pelas teorias de Mikhail Bakhtin e a crescente Análise do Discurso foram formadoras para a nova legislação formada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's).

Nesse contexto, os gêneros, que são inúmeros, trouxeram o texto e a literatura novamente para a centralidade do ensino da língua. O que mais tarde foi reforçado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ao retomar a centralidade do texto na área de linguagens (Brasil 2018). Diante de todo esse contexto que vem se instaurando ao longo dos anos, é necessária a criação de medidas que reposicionem a literatura em seu lugar de destaque, o incentivo à leitura demanda novas práticas a serem instauradas na escola.

Sendo assim, pode-se concluir que após muitos anos de literatura sendo colocada de forma secundária, cabe aos interessados criar condições e novas formas de reposicioná-la no centro da educação básica, utilizando-se seu próprio corpus para ocupar este espaço de destaque e criar novos leitores, tanto da literatura mundial como da literatura nacional, que ainda sofre estigmatização e rejeição, principalmente dentro das instituições que deveriam enaltecê-la.

Diante de todas as reflexões apresentadas até aqui mostra-se necessário o objetivo geral deste trabalho, que é investigar as relações entre literatura e realidade ao longo do tempo através de textos de críticos como João Cezar de Castro Rocha, Antonio Candido e Erich Auerbach. Dentro deste espectro os objetivos específicos focam em investigar o modo de ler o texto e o mundo de cada crítico, compreender o conceito de literatura de cada crítico, bem como averiguar a noção de realidade desenvolvida por cada crítico.

O questionamento a respeito do deslocamento do livro, de um lugar de prestígio para outros lugares secundários, se deu através de reflexões geradas por meio de atividades desenvolvidas previamente em um grupo de estudos, com a leitura inicial da obra: *Crítica literária: em busca do tempo perdido?* de João Cezar de Castro Rocha. A partir destas questões e provocações surgiu o objeto de pesquisa que este projeto pretende investigar: as relações entre literatura e realidade ao longo do tempo.

Entender a forma como os críticos estudados neste projeto vêm lendo e construindo relações ao longo do tempo auxilia como uma pequena amostra de como se forma a intenção do leitor na busca de conexão entre a realidade e a literatura.

Será utilizado o método de análise documental, das críticas: “A farda e o fardão [O espelho de Machado de Assis]”, de João Cezar de Castro Rocha, “A cicatriz de Ulisses”, “A meia marrom” e “Epílogo” (*Mimesis, a representação da realidade na literatura ocidental*) de Erich Auerbach e “Dialética da malandragem (Caracterização das memórias de um Sargento de Milícias)” de Antonio Candido.

A utilização destes textos e destes críticos constrói uma parcela pequena, como já dito, porém significativa ao conseguir desvendar os fatores formadores da intenção leitora, em vistas de que os autores aqui utilizados também assumem o papel de leitor, exatamente como o leitor “comum” que trabalha, estuda e utiliza da literatura em seu cotidiano dentro da sociedade, sendo este também público alvo e ao mesmo tempo beneficiado pelos resultados desta pesquisa.

Ainda há outros textos que contribuem para a reflexão e fundamentação teórica, como: *Aquí América Latina: una especulación* de Josefina Ludmer, e *Literatura e sociedade*, de Antonio Candido. Através de todas estas leituras pretende-se obter o aporte teórico para investigar as questões aqui apresentadas e, talvez, ainda obter ferramentas para iluminar o desenvolvimento de técnicas de mediação de leitura baseadas na crítica literária.

## **1 Literatura e realidade em Erich Auerbach**

Sendo ficção ou lenda, muitas obras podem servir para algum propósito dentro do público que as lê. Assim nota-se, que até hoje não somente os escritores buscam ligar a realidade a seus escritos, mas também provocam esse sentimento e necessidade no leitor. A necessidade de buscar na literatura algo que sirva ou lembre a vida é mútua entre leitor e escritor, sendo a realidade, aqui neste trabalho, tratada como o resultado proveniente das relações geradas pelo indivíduo e seu entorno (Heidegger, 2005). Este reflexo auxilia

fortemente na mediação de leitura, pois textos que afetam o leitor, seja através da memória de uma experiência, um desejo internalizado ou o contexto histórico, podem levar a reflexões a respeito de outros textos, que mesmo tendo escritas e objetivos diferentes em outras épocas, permanecem sendo manuseados, utilizados, estudados e amplamente divulgados, pois refletem a sociedade em seus grandes acontecimentos e modificações.

No primeiro capítulo de *Mimesis*, publicado pela primeira vez na Suíça em 1946, na primeira crítica, intitulada: “A cicatriz de Ulisses”, pode-se observar a comparação entre um trecho da obra *Odisseia* de Homero e o trecho bíblico conhecido como “o sacrifício de Abraão”, em que Auerbach dissecou magistralmente as intenções por trás de cada uma das escritas.

Pode-se pensar, quase que automaticamente, que naturalmente as duas escritas são diferentes, pois a *Odisseia* narra de forma fictícia o retorno de um herói da guerra de Tróia trazendo elementos da mitologia grega, e a bíblia por seu caráter religioso carrega enraizada em seus adjetivos - e objetivos - a característica de veracidade, porém ambos os textos possuem o objetivo comum em manter o interesse do leitor, seja por narrar um grande feito, seja para compartilhar algo que tenha um comprometimento com a verdade e venha buscar modificar o comportamento do leitor.

Esta verdade buscada pelos textos bíblicos está próxima à noção de verossimilhança, aquilo que é verossímil, segundo o dicionário Houaiss, é aquilo “que parece verdadeiro; que é possível ou provável por não contrariar a verdade; plausível [...]” (VEROSSÍMIL, *In*. Dicionário Houaiss, p. 820, 2019). Por volta de 335 a.C Aristóteles, em seus estudos sobre a natureza da poesia e da arte como formas de imitação da realidade, em sua obra intitulada *Poética* publicada pela primeira vez em 1508, já apresentava o conceito de verossimilhança (Aristóteles, 1994) como algo que venha diferenciar a escrita do poeta da escrita do historiador, segundo o filósofo “não é ofício do poeta narrar o que aconteceu; é sim o de representar o que poderia acontecer, quer dizer, o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade” (Aristóteles, 1994, p. 115). Ainda sobre a verossimilhança Aristóteles segue:

Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postas em versos obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa) - diferem, sim em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular. Por referir-se ao universal” entendo eu atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convém tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia, ainda que dê nome aos seus personagens (Aristóteles, 1994, p. 115-116).

Portanto, segundo Auerbach, os textos cristãos buscam autenticar o que está sendo dito através da verossimilhança, que diferentemente da realidade que é fato incontestável, é algo que se parece diretamente com a realidade, porém se assemelha à uma “verdade” popular, àquilo que todos conhecem como fato por ser repetido e assimilado por todos, sem oposição. A verossimilhança está ligada diretamente ao cotidiano social, é tudo aquilo que se pode associar à verdade, se parece com a verdade mas nem sempre é parte da realidade.

É sabido que Homero não tinha intenção em regular comportamentos, e muito menos de manter uma relação restrita com a verdade, durante o relato em *Odisseia*, Auerbach (1971) explica que há a interrupção da cena em que é exposta a cicatriz de Ulisses que se expande para a memória e depois retorna novamente para a cena, fazendo uma perfeita narração de fatos do passado e do presente acontecendo todos em primeiro plano, e nesta parte vemos a análise do autor que traz a tona a perspectiva do leitor diante de uma possível produção de tensão na narrativa:

O pensamento mais próximo para um leitor moderno, de que o que se pretende é aumentar a tensão, é, se não totalmente falso, pelo menos não decisivo para a explicação do processo homérico (Auerbach, 1971, p. 2).

Ao trazer a análise para o olhar do leitor nota-se a preocupação em desvendar não somente o processo criativo do autor, mas também a importância do olhar e da emoção criada entre texto e leitor, que acaba se tornando mútua na prática escritora e leitora.

Embora em sua análise o filólogo discorde que a primeira impressão do leitor seja o objetivo do escritor, pode-se concluir que o papel do leitor está no centro da criação de um lugar para o qual as obras se direcionam, independentemente do objetivo de quem as escreve o público faz o uso que melhor lhe cabe, podendo acessar memórias de acontecimentos e muitas vezes conectando essas memórias com outros textos levando a literatura adiante como processo mediador não somente entre literaturas mas também entre leitura e realidade.

Dessa forma, pode-se concluir que o autor enquanto exerce seu papel de leitor busca conectar a realidade e o literário dentro de cada leitura, independentemente da função exercida na sociedade pelo texto lido, e neste caso o contexto em que tais obras analisadas foram escritas pouco importa para o leitor que busca essa relação com a realidade, a função de tais textos serve de reflexão para novas leituras no contexto atual.

Aprofundando-se ainda mais nas questões destacadas por Auerbach, ao final de “*Mimesis*” em “A meia marrom”, o crítico faz uma profunda análise a respeito da obra

intitulada *Ao Farol* de Virginia Woolf, na qual após apresentar um longo trecho o crítico explica que retorna ao texto para que o leitor consiga ater-se aos detalhes que serão destacados a seguir, e então discorre a respeito da representação da consciência da personagem Mrs. Ramsay durante o momento da medição da meia do filho. Durante breves momentos em que a mãe está fazendo a medição da meia, desenrola-se toda uma sucessão de pensamentos, impressões e lembranças, sobre diversos aspectos da personagem, interrompidos apenas pela mãe que chama a atenção do filho duas vezes para que mantenha-se quieto.

Ao analisar a cena que é descrita, o leitor é mergulhado em um turbilhão de pensamentos que surgem na mente da personagem, a respeito da casa, dos vizinhos, do marido e das empregadas, há lembranças misturadas com impressões que se confundem, nem sempre deixando claro que realmente trata-se do pensamento da personagem. Segundo Auerbach, a consciência da personagem aparenta muitas vezes ser a impressão de alguém que olha através dela, ou até mesmo alguém que a conhece intimamente, pensando a respeito dela (Auerbach, 1971), estas manifestações o levam a crer que há algo da própria escritora transparecendo através da personagem, diante dessas afirmações o autor explica:

Deve-se, pois, admitir que contém manifestações imediatas dela própria. Mas ela não parece pensar que é escritora, e que, portanto, deveria saber qual a situação das suas personagens. Quem fala aqui, seja quem fôr, apresenta-se como uma pessoa que somente recebeu uma impressão de Mrs. Ramsay, que vê o seu rosto, e que reproduz a sua impressão de forma subjetiva, duvidando acerca da sua interpretação (Auerbach, 1971, p. 466-467).

A cena da medição da meia vai para um segundo plano e pouco importa, o leitor é levado a diferentes lugares através do movimento de consciência de Mrs. Ramsay, e só torna a voltar à medição da meia nas duas interrupções em que a mãe chama a atenção do filho, e após descrever esta longa viagem interna da personagem o autor chama a atenção para a passagem de tempo, do breve instante externo da medição da meia em relação ao longo tempo internamente transcorrido na mente da personagem.

Ao tratar os movimentos de consciência na magistral narrativa de Virgínia Woolf o crítico não só destaca a inovação de representar a consciência, bem como a contagem do tempo ao descrever a subjetividade da personagem em relação à realidade objetiva da cena, o autor também destaca a intenção da escritora diante da própria realidade vivida, “tudo é, portanto, uma questão da posição do escritor diante da realidade do mundo que representa” (Auerbach, 1971, p. 470), ou seja, não é somente um retrato da realidade da época, mas

também a realidade do próprio escritor, essa realidade pode ser reconhecida pelos leitores que buscam conectar a realidade com o literário.

O autor reconhece também, na realidade em que está posicionado, uma extensão da literatura, ao reconhecer que no período pós segunda guerra, a realidade européia tomada por diversas correntes, e conseqüentemente muitas vozes distintas, tornou a Europa a principal personagem de quem se fala, a consciência pluripessoal de todo um continente estava em constante movimento, podendo ambas, literatura e realidade, serem reconhecidas no reflexo uma da outra.

Nos estudos de Auerbach, além do posicionamento crítico em relação à literatura, também é possível observar a preocupação do mesmo em relação ao leitor. Crítico e leitor revezam posições durante o ato de escrever, o que leva à uma movimentação da realidade. Aqui a realidade revela-se como algo que surge moldado ao contexto. Ao finalizar a obra, no epílogo de *Mimesis*, Auerbach afirma que:

O tema deste escrito, a interpretação da realidade através da representação literária ou 'imitação', ocupa-me há longo tempo. Parte originalmente da interrogação platônica no livro X da República, que coloca a Mimesis em terceiro lugar após a verdade, em relação com a pretensão de Dante de apresentar na Comédia a realidade verdadeira" (Auerbach, 1971, p. 494).

Ou seja, fica o questionamento a respeito da ligação com a realidade não ser direta, o que leva o leitor à busca por essa relação? Se não é natural e automático, talvez os críticos nos ensinem a fazer esta conexão.

O autor, ainda no epílogo, explica a metodologia que utilizou para seu estudo durante a escrita da obra, que se baseou em utilizar textos diferentes, de épocas diferentes para ilustrar sua teoria, ou seja, o método que encontrou foi uma conexão entre o tempo e a literatura para explicar a sua visão de realidade, já que as correntes teóricas até então não eram eficazes para o seu desenvolvimento. Nesta parte salienta as obras cristãs como "peculiares" em seu modo de abranger a realidade, diferentemente da realidade dos textos da Antiguidade e Idade Média, representada pela própria noção de figura do autor a partir de estudos anteriores (Auerbach, 1971). Sendo assim, ainda no epílogo, Auerbach explicita sobre a realidade figural:

um acontecimento terreno significa, sem prejuízo da sua força real concreta aqui e agora, não somente a si próprio, mas também um outro acontecimento, que repete pronunciadora ou confirmativamente; e a conexão entre os acontecimentos não é vista preponderantemente como desenvolvimento temporal ou causal, mas como unidade dentro do plano divino, cujos membros e reflexos são todos os acontecimentos; a sua mútua e imediata conexão terrena é de menor importância e o conhecimento da mesma é, por vezes, totalmente irrelevante para a sua interpretação (Auerbach, 1971, p. 487).

Diante dessas afirmações percebe-se que o crítico sai dos textos e acaba encontrando a literatura na realidade, para o mesmo a literatura tem o papel de conectar os acontecimentos, estes que também podem ser tratados por realidade, sendo assim a conexão terrena entre as diferentes realidades que atravessam o tempo. A literatura aqui também apresenta-se como coexistente da própria relação entre indivíduo, realidade e a sua interpretação. Ainda neste trecho pode-se interpretar a teoria como sendo irrelevante para tal relação.

## **2 Literatura e realidade em Antonio Candido**

Saindo do contexto europeu e mantendo os pés bem firmes em solo brasileiro, Antonio Candido em 1970 publica a crítica intitulada “Dialética da malandragem”, na qual analisa a figura do malandro através da obra de Manuel Antônio de Almeida. Em sua análise o crítico tenta recolocar a obra, que inicialmente publicada em 1854 durante o Romantismo no Brasil, é caracterizada como romance de costumes. Ao analisar a figura do malandro, Candido organiza sua crítica através de tópicos com palavras-chave como: “costumes”, “picaresco”, “documentário” e “representativo”, desta forma ao observar as características de cada estilo pré estabelecido, o autor recoloca a obra em cena de forma inovadora, ao trazer o texto para a realidade da sociedade da época.

Candido apresenta a perspectiva de que o malandro não é somente um personagem, moldado às tendências já conhecidas da época, mas sim o signo arquetípico que representa características enraizadas na sociedade brasileira e seus indivíduos. Este arquétipo representa o malandro que é a representação do submundo de marginalidade em uma época em que o progresso, a ordem, entre os acabados e completos da sociedade se chocam com a realidade existente. Realidade esta que existe independentemente da aceitação da elite e dos grandes “atores” do tempo.

O malandro, como produto da realidade social de um país e não como mero personagem criado pela literatura já existente, opera como um aspecto formador da identidade nacional. Ao analisar os pícaros e outros malandros da literatura mundial, Candido desmistifica a associação do personagem principal da obra de Manuel Antônio de Almeida como documento histórico, e o transforma em representação da literatura brasileira. Ou seja, Leonardo é um personagem brasileiro, que existe na sociedade brasileira, e criado e escrito por um brasileiro no momento em que se desenha uma era nacional da literatura, rompendo

com aspectos que antes eram provenientes da literatura portuguesa. Na obra que mais tarde se classificou como pertencente ao romantismo já se tornava possível vislumbrar aspectos realistas.

Em Auerbach vemos a busca pela realidade através da aproximação da literatura com a história, já em *Candido* temos a realidade na aproximação entre a literatura e a sociedade de um país. A partir deste momento a obra deixa de ser meramente um romance documentário e torna-se a manifestação de um aspecto da sociedade, que não é aceita de acordo com a ordem e os bons costumes da elite da época. Essa ordem e costumes são ditados por uma mínima parcela abastada da sociedade, que fecha os olhos para as grandes concentrações urbanas do país, bem como para como elas se formaram, o personagem Leonardo chega para dismantelar esta ilusão.

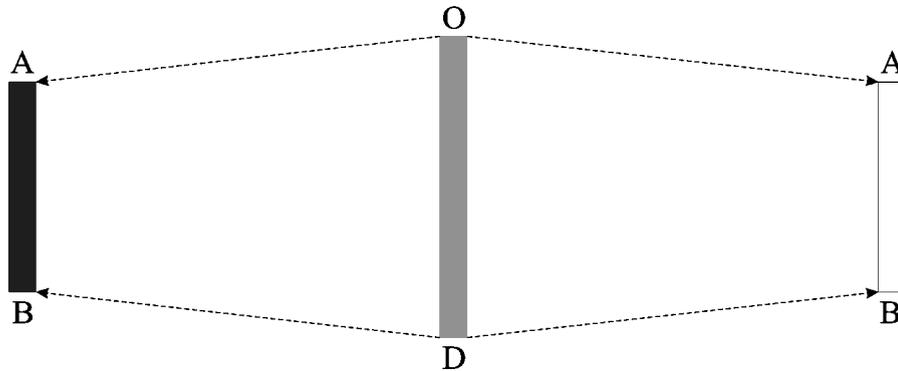
Ao apresentar a recepção da obra no meio literário e refletir sobre os possíveis locais onde esta poderia se enquadrar dentro dos padrões preestabelecidos até então, o crítico menciona no subcapítulo intitulado *Romance representativo* a teoria da ordem e da desordem, neste momento aparentemente o crítico não “fecha com chave de ouro” o assunto, mas sim abre as portas para um novo olhar sobre a obra (Prigol, 2021). A representatividade dialética da ordem e desordem que se pode encontrar em diversas situações que podem justificar a realidade e suas modificações na crítica de *Candido* se aplica ao comportamento dos personagens que oscila entre a moralidade do que é considerado correto e padronizado e o imoral e desprestigiado que, apesar de existir independentemente do que prega a sociedade, coexistem na sociedade do século 19, pertencente à obra.

Dentro deste escopo e levando em consideração os personagens que se deslocam entre ordem e desordem, *Candido* apresenta a teoria através da imagem do major:

Quando as mulheres chegam à sua casa (Dona Maria na cadeirinha, as outras se esbofando ao lado), o Major aparece de chambre de chita e tamancos, num desmazêlo que contradiz o seu apurmo durante o curso da narrativa. Atarantado com a visita, desfeito em risos e arpeios de erotismo senil, corre para dentro e volta envergando a casaca do uniforme, devidamente abotoada e luzindo em seus galões, mas com as calças domésticas e os mesmos tamancos batendo no assoalho. E aí temos o nosso ríspido dragão da ordem, a consciência ética do mundo, reduzido a imagem viva dos dois hemisférios [...] (*Candido*, 1970, p. 81).

Entre certo e errado, bom ou ruim, está o leitor a observar não somente o personagem como ficção, mas também observa a sociedade e seus indivíduos como personagens de um sistema limitado, que possuem personalidades oscilantes entre vício e virtude, este leitor torna-se um “leitor incapaz de julgar” (Prigol 202, p. 79), já que há uma naturalização por consequência desta oscilação. *Candido* apresenta o movimento da ordem e desordem relacionada à

sociedade da época e à sociedade fictícia criada por Manuel Antônio de Almeida através do gráfico (Candido, 1970, p. 83 ) a seguir:



**Gráfico 1:** Representação da metáfora da ordem e desordem de Antonio Candido

A naturalização que se dá na obra também está presente no cotidiano, o leitor associa o caráter e as características dos personagens não como algo alheio, mas sim como algo corriqueiro da realidade social. A ordem e desordem nítida no maior pode ser ferramenta de identificação do próprio leitor que também apresenta comportamentos semelhantes quando sabe que não está sendo observado, o modo de andar à vontade quando se está no conforto do lar em oposição ao desconforto de ser visto em trajes impróprios pode ser uma relação que conecta personagem e leitor.

Quanto ao que há de picaresco pode-se associar de diversas formas ao que acontece na sociedade, tanto a do século 19 como na atualidade, há aspectos que são considerados aceitáveis e dignos de louvor na sociedade, assim como não se pode negar a existência de aspectos desprestigiados, negativos, inapropriados, e até mesmo inaceitáveis perante a sociedade. No entanto eles coexistem, muitas vezes são escondidos para manter a aparente sincronia com a ideia de ordem.

Nas relações existentes entre a realidade, literatura e sociedade o leitor assume seu lugar, que muitas vezes é o de juiz, que busca através de seu conhecimento de mundo e suas concepções tomar parte do que conhece na ficção, porém o crítico através da dialética amplia o que pode ser a visão de realidade do leitor.

Diante dessa análise pode-se refletir sobre como a crítica consegue trazer para a atualidade textos escritos há muito tempo. Essa capacidade de conectar o real e o literário é algo que nasceu também há muito tempo, mas dificilmente entrará em decadência, pois a literatura também é ferramenta de auxílio para entender e ver o mundo através de seus mais

diversos ângulos, através dela o leitor pode tomar consciência daquilo que se vê mas não é dito.

Refletir e analisar o mundo faz parte do presente de todos os tempos, ver o mundo é um exercício que pode ser feito através de muitas lentes, e neste caso a crítica de Candido apresenta uma nova forma de ver o mundo, através de um novo olhar sobre a literatura, um olhar diferente do que se tinha, pois, qual seria o sentido de analisar a vida, e a sociedade que está em constante mudança com o passar do tempo sempre pelos mesmos parâmetros já preestabelecidos em tempos remotos? É necessário um novo olhar de tempos em tempos, não para modificar o que já se tem, mas para incorporar novas perspectivas.

### **3 Literatura e realidade em João Cezar de Castro Rocha**

O debate feito até aqui sobre a literatura e a realidade em textos de Erich Auerbach e Antonio Candido tornou-se fundamental para compreender a relação criada entre a literatura, a leitura, o leitor e os desdobramentos ocorridos na história e no tempo. Agora surge a leitura e análise que João Cezar de Castro Rocha faz a respeito do conto “O espelho – esboço de uma nova teoria da alma humana”, de Machado de Assis, que incorpora uma nova perspectiva a esta relação. A crítica de Rocha foi publicada na coluna Pena Afiada no caderno Ideias do Jornal do Brasil em 2005 e depois republicada no livro *Por uma esquizofrenia produtiva: da prática à teoria*.

Ao longo deste trabalho pôde-se perceber a literatura se conectar com a realidade através da história e da representação da consciência, em Erich Auerbach, posteriormente em Antonio Candido a literatura e a realidade quase conseguem tocar-se, ao se conectarem através da realidade social, não somente absorvendo, mas criando uma nova identidade para a literatura da sociedade brasileira. Agora, em João Cezar de Castro Rocha, a literatura e a realidade se conectam justamente pela dualidade, pela capacidade de conterem uma à outra dentro de si, e ao mesmo tempo fora.

Quando se fala em conter ao outro e a si mesmo, a crítica adentra pelo conto “O espelho – esboço de uma nova teoria da alma humana” que para fazer jus ao título do livro, neste e outros textos publicados em jornais, o autor inicia a análise do conto machadiano pela prática de leitura, como pode-se observar a seguir:

Nos primeiros parágrafos, o narrador do conto limita-se a preparar o cenário da ação, retornando praticamente apenas no final do relato, e ainda assim de forma enigmática: “Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas”. Esse “segundo” narrador é o alferes Jacobina – o verdadeiro autor do relato, constituído pela lembrança de um episódio ocorrido na juventude. Tudo se passa como se dois narradores convivessem no mesmo espaço textual; efeito que transforma o tema do duplo na própria estrutura do conto. (Rocha, 2006 p.6.).

O conto vai sendo lido e apresentado ao leitor a partir da ideia do duplo, que é o tema desenvolvido por Rocha em colunas anteriores. E aqui ele mostra que, inicialmente, o duplo aparece na própria estrutura do conto, já que o mesmo tem dois narradores: um narrador que inicia o conto, descritivo, que logo no início passa a palavra para Jacobina e que só retorna no final, no último parágrafo; Jacobina toma a palavra para contar uma história de duplo para ilustrar a sua teoria de duas almas: a interior e a exterior.

E é na própria história que Jacobina contará que João Cezar mostra como faz vir o duplo: ao sentir-se sozinho, sem identidade, é vestindo a farda de alferes e ficando em frente ao espelho que recobra uma identidade e de um jeito muito curioso, diz Rocha:

Desesperado, lançou mão de recurso que se revelou infalível. Jacobina simplesmente vestiu a farda de alferes e voltou a olhar-se no espelho. Como ensina o provérbio, o fardão faz o imortal: “era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior”. A construção da frase é mais ardilosa do que parece à primeira vista. Se o “eu mesmo” é o próprio alferes, ou seja, a farda, vale dizer, a patente, a sentença revela-se tautológica, chegando a comprometer o sentido da afirmação. Mais lógico seria dizer: “era eu mesmo, Jacobina, que achava, enfim, a alma exterior, o alferes”. Pelo contrário, se o eu já é a farda, então, qual o papel da alma interior? Esse “eu” não é o “outro”, como desejava o Rimbaud adolescente, ou como sugere o tema do duplo. Esse “eu” é um “eu mesmo” – repetição e nunca diferença (Rocha, 2006 p. 6).

A crítica do autor é certa ao mostrar o duplo também na vida, ao pensar que só se vê a si mesmo no espelho do outro. Este corpo a corpo com o texto de Machado de Assis, faz vir à tona diferentes variações do duplo no tema e na estrutura do conto e também é matéria para Rocha pensar a própria literatura de Machado de Assis:

Ora, se a farda do alferes e o fardão do imortal representam duas faces da mesma moeda, logo, é a própria literatura machadiana que se revela dúplice: “uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro”. A figura do duplo não terá sido a forma encontrada por Machado para pensar o cruzamento do texto com o mundo? (Rocha, 2006, p. 6)

Neste sentido, para Rocha, é a própria literatura de Machado de Assis, dúplice. Por isso, talvez, “O espelho” se constitua em uma boa entrada no universo do autor de *Dom Casmurro*. Neste sentido, sua literatura olha de fora para dentro, mas também, com toda a potência de criação, de dentro para fora. E novamente tem-se a temática de uma nova

identidade, que também se mostrou nas críticas citadas anteriormente. O identificar, segundo o dicionário Houaiss, é “tornar-se idêntico a; igualar (-se) <pobres e ricos> <o real ao ideal> <-se com o pai>; determinar a identidade de; reconhecer, tornar conhecido [...]” (IDENTIFICAR *In*. Dicionário Houaiss da língua portuguesa, 2019, p. 220). Identificar-se é algo que genuinamente está intrínseco e condicionado à duas partes, aquela que demanda identificar-se e aquela que oferta identificação.

É nesse final que o texto permite ao crítico fazer um gesto de teoria, que possibilita a visão de uma proposição sobre as relações entre literatura e realidade que pode iluminar o debate sobre essas relações no presente:

Talvez porque o espelho seja uma superfície que, em si, nada é, mas, por isso mesmo, pode refletir imagens diversas e inclusive opostas. O que revela um espelho voltado para outro? A capacidade criadora da ficção; a possibilidade de produzir imagens que sem o espelho seriam invisíveis. Eis a compreensão machadiana da potência da literatura. Porém, o autor de *A mão e a luva* ambientou sua reflexão num cenário escolhido a dedo: um homem livre, pobre, que ascendeu socialmente, e, porque se encontrou “sozinho”, no meio de escravos, passa por uma crise de identidade. Eis o entendimento machadiano da precariedade da circunstância brasileira (Rocha, 2006, p. 6).

Pensar que a “capacidade criadora da ficção” é a “possibilidade de produzir imagens que sem o espelho seriam invisíveis”, faz pensar a relação entre literatura e realidade em outros e até em novos termos. Assim, a leitura de textos literários também olha para dentro e olha para fora. O impacto de um texto parece ter relação com o que pode ser associado a ele no fora do texto. Esta proposição de Rocha, rápida e de algum modo enigmática, lança uma nova luz sobre as relações entre literatura e realidade.

Diferente das proposições de Auerbach e de Candido, que tomarão como base a história e a sociedade da época que o texto foi escrito, Rocha pensa a realidade do leitor, esta como um dos elementos da leitura do texto. É uma posição nova em relação a um tópico que imaginava-se já estável. Ao identificar o leitor também como um espelho, quantos reflexos diferentes podem ser produzidos através da realidade de cada um com a leitura de um mesmo texto? A capacidade criadora da identificação entre literatura e realidade é infinita, quando pensada a partir da relação pessoal que cada diferente leitor faz durante a leitura. Assim, a proposição de Rocha “a possibilidade de produzir imagens que sem o espelho seriam invisíveis” - pensa a leitura e inclui o leitor nesta equação.

#### **4 Literatura e realidade: a história, a sociedade e os leitores**

Fatos, opiniões e pontos de vista fazem parte de uma gama de variedades de gêneros textuais que circulam pelos olhos dos leitores todos os dias. A evolução tecnológica e das mídias digitais contribuiu e segue, talvez despretensiosamente, na contribuição para o surgimento de novos gêneros. As mudanças trazidas pela era digital também mudaram a forma de perceber a literatura, que saiu dos livros mas acabou se inserindo de forma mais discreta nos novos gêneros. O crítico literário também mudou, teve que se adaptar às novas formas de fazer e divulgar suas críticas.

Diante das observações feitas a respeito das críticas de Erich Auerbach fica claro o papel da história, ao revelar que, tanto os escritores de textos do passado como os críticos assumem também um compromisso com a realidade. Mas aqui não se fala a respeito da realidade documentária, que como apresentado em Aristóteles são os historiadores que assumem o compromisso de narrar os fatos, mas a realidade de representação do comportamento das massas diante de grandes acontecimentos.

Aquilo que poderia acontecer no íntimo dos indivíduos comuns, escritores, críticos, poetas, filósofos, costureiras, operários, soldados, trabalhadores, pode contribuir para a literatura, o fluxo de consciência e o desdobramento que se faz diante do que acontece na vida, ao redor e do lado de dentro, ao se viver grandes momentos históricos, existe. Através da criação de personagens fictícios, os escritores e os críticos, que são de carne e osso, podem trazer para o debate aquilo que fica subentendido, mas muitas vezes não transformado em palavras.

A criação, segundo Adolfo Casais Monteiro (1961), se apresenta aos críticos como um dom que surge da receptividade às vivências, dessa forma segundo o crítico o papel de fazer crítica literária não se resume a dar novos significados sem levar em consideração o que já se tem. Quando um crítico cria ele ativa seu dom de perceber o que é vivo, mas isto não se dá por acaso, o que já se tem não é descartado, e sim agregado ao que já existe (Monteiro, 1961). Diante disso, Monteiro problematiza a ideia de que a crítica tira algo da obra, segundo ele esta crença é o que embasa a ideia de esgotamento dos textos. A crítica é o oposto do esgotamento, ela não exclui estudos prévios, mas sim inclui novas perspectivas sobre eles.

Pode-se perceber a realidade dentro desse âmbito da crítica literária, é impossível entender um texto sem levar em consideração o que já se sabe sobre o assunto, desta forma a interpretação que se cria é renovada, mas carrega a bagagem do repertório cultural e social de

cada indivíduo, seus conhecimentos gerais de mundo, da história e até mesmo de suas experiências pessoais, a crítica é inclusiva.

Quando Auerbach define os acontecimentos descritos em planos diferentes e o preenchimento da narrativa com os movimentos da consciência ele está criando algo novo, trazendo ao conhecimento geral que a literatura pode descrever o fluxo de consciência que na realidade sempre existiu, existiu também na literatura, porém o crítico está dizendo o que nunca antes foi dito. O importante papel do crítico neste momento não se delimita a criar uma teoria, mas em auxiliar o leitor a compreender a descrição literária do fluxo de consciência quando se depara com um no exercício de leitura. Conhecer esta ferramenta utilizada pelos escritores auxilia o leitor a compreender melhor o que se passa no texto, e involuntariamente perceber características de escrita de autores específicos.

O leitor pode decidir se aquele tipo de leitura lhe interessa, se ele se identifica com aquele texto, se gosta ou não. Este pode ser o mesmo leitor que, segundo Antonio Candido, torna-se incapaz de julgar personagens tão reais por perceber que dentro de suas realidades eles são o que são, diante daquilo que possuem e podem ser. Essa ideia de Candido é ótima, o livro coloca o leitor na incapacidade de escolher um polo ou outro. É maravilhoso. Este leitor torna-se imparcial pois associa os dilemas dos personagens com os dilemas enfrentados pela sociedade, ele lê ou assiste às notícias, pode captar certos aspectos de seu país e da sociedade em que vive através dos gêneros que lhe aparecem na frente, e na literatura pode enxergar os possíveis desdobramentos pelos quais o povo passa, de diversos ângulos.

Descortinar certos hábitos humanos, como em Auerbach, a narrativa através de planos que também existem na consciência, ou em Candido, os comportamentos mais comuns de indivíduos normais que burlam regras mas possuem certa moralidade em outros aspectos ou simplesmente pensar o que se faz no conforto da individualidade quando ninguém está vendo, são exemplos de relações criadas entre a realidade e a literatura, que os críticos, na mais pura sutileza de seu “dom”, utilizam com maestria.

As condições sociais são documentadas em outros gêneros, mas na literatura há um espaço para a criação de imagens que exprimem essas condições. Relembrando que, desde os tempos da bíblia as histórias tornavam-se verossímeis através da repetição, e até mesmo da extrapolação com que eram narradas, fica clara a função de cada gênero literário na sociedade, e a realidade tem papel fundamental no que diz respeito à literatura e à aceitação desses textos independentemente de suas características e estruturas.

Candido afirma que “Nada mais importante para chamar a atenção sobre uma verdade do que exagerá-la” (Candido, 2006, p. 13), mas também abre os olhos para os riscos que isso

opera na literatura ao que diz respeito à sua aceitação. A fuga da realidade pode resultar na dificuldade de formular uma opinião, e a imposição de uma realidade também não é o ponto chave para que se defina a qualidade de uma obra.

É necessário um equilíbrio entre o que já se conhece e aquilo que se pode obter de novo, diante disso o crítico afirma:

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno (Candido, 2006, p. 13-14).

O que aqui se vê é que não se tem bons resultados quando se tem visões parciais a respeito dos aspectos que a crítica busca estabelecer. Buscar somente na sociologia algo que possa interessar aos leitores ou somente na história é um exercício que se demonstra ineficaz, já que as ciências específicas que tratam disso já apresentam suas teorias. O trabalho do crítico se liga à realidade, porém as relações específicas são o que equilibra a crítica. O leitor pode interessar-se pela teoria, porém o que o intriga e o empolga é aquilo que lhe salta aos olhos sem que lhe seja imposta uma teoria, independente da corrente que ela siga.

Candido aponta que a crítica busca ir ao encontro com os aspectos e o significado da obra, reforça que a crítica baseada em aspectos psicológicos e sociológicos constrói fatores estéticos da crítica, no entanto, observá-los de forma isolada pode provocar uma certa falta de profundidade, que não é o objetivo da crítica (Candido, 2006).

A partir destes estudos é notável que a crítica do presente se preocupa em estabelecer uma relação com a realidade, pois todos os aspectos acabam ligados a ela de alguma forma, e o enfraquecimento da crítica, e por consequência o deslocamento do livro de sua posição central, também se dá através do afastamento da realidade, como apontado inicialmente por João Cezar de Castro Rocha (2011), a crítica sendo direcionada somente ao ambiente acadêmico ganha formas de teoria, porém se afasta da realidade do leitor.

Quando Rocha aponta em sua crítica a teoria do duplo, como sendo um espelho voltado a outro, o mistério por trás disso é explicado pelo crítico em suas próprias críticas. O leitor como um espelho que reflete de dentro para fora e de fora para dentro oferece infinitas possibilidades à relação entre realidade e literatura. Se o leitor carrega em si a memória histórica de suas próprias vivências, somada ao seu conhecimento de mundo, da sociedade e

seus indivíduos em diferentes contextos e épocas, sua relação com a realidade também torna-se criação. O leitor pode utilizar-se de infinitas conexões para dar sentido ao texto, essa ferramenta é a mesma da qual dispõe o crítico.

A crítica, atualmente, quando trata de textos clássicos de épocas passadas, não busca somente um resgate de textos antigos, mas também usa a crítica para restabelecer a acessibilidade às obras e defender a permanência da literatura e de si mesma no cotidiano. Insistindo no fato de que a crítica traz às claras aquilo que se pensa mas não é dito, Rocha fornece amostras disso em suas críticas. Quando na crítica, *A farda e o fardão*, aponta a necessidade de se ver no espelho do outro para se reconhecer como alguém, insere na literatura um tema muito relevante sobre a sociedade da autoafirmação, que precisa manter certas aparências para “ser alguém” perante o olhar alheio.

Esta forma de fazer crítica torna o texto atemporal, pois a sociedade atravessa repetidamente certas questões. Um exemplo bem atual é a opressão da indústria da beleza sobre corpos femininos e masculinos, há uma pressão em afirmar-se saudável, em não envelhecer, em ter uma beleza padrão que gera a necessidade dos indivíduos a recorrerem aos milagres das academias, dietas, remédios para emagrecimento, suplementos e até cirurgias milagrosas. Esses milagres são a farda do alferes contemporâneo, críticas como a de Rocha não estão somente trabalhando para a literatura, mas para uma visão mais crítica da realidade em si.

Josefina Ludmer, em seus estudos culturais, no livro *Aquí América Latina: una especulación* explora as modificações da cultura da sociedade e a política da América Latina através da literatura. Especula a respeito da imaginação pública quando afirma que esta é também criação, como se pode ver a seguir:

A imaginação pública seria um trabalho social, anônimo e coletivo de construção de realidade. Todos nós somos capazes de imaginar, todos somos criadores (como na linguagem igualitária e criativa de Chomsky) e ninguém sabe mais que o outro (Ludmer, 2010, p. 11, tradução nossa).

Esta “fábrica de realidade” a autora também associa como proveniente do mesmo fio da realidade, e relaciona com uma teoria de ambivalência, ou seja, percebe duplicidade. No sentido trazido por Ludmer a visão de uma literatura que auxilia essa capacidade criadora de realidade também independe de teorias, apresenta-se sem a necessidade de algo que a explique, a relação é entre leitor e texto, sem inferências externas:

Usar a literatura como lente, máquina, tela, baralho de tarô, veículo e estações para poder ver algo da fábrica da realidade implica ler sem autores ou obras: a especulação é expropriadora. Ela não lê literariamente (com categorias literárias

como obra, autor, texto, estilo, escrita e sentido), mas através da literatura, na realidade ficção e na ambivalência. Usa a literatura para entrar na fábrica de realidade (Ludmer, 2010, p. 12, tradução nossa).

Pode-se dizer que a crítica feita por Rocha segue esta mesma diretriz, ou seja, a sutileza do texto que é analisada pelo crítico salta aos olhos do leitor, sem que seja necessário informá-lo a respeito de uma teoria, esta crítica do presente é a que aproxima a literatura da realidade, e também do leitor.

O leitor que atravessa culturas, acontecimentos históricos, políticos e sociais recebe da literatura suporte para o atravessamento dos dias, e diariamente oferece à literatura a matéria prima da qual ela se mantém. As relações entre literatura e realidade formam uma espécie de “teia” formada por filamentos de diversas correntes teóricas - histórica, social, psicológica, antropológica, cultural entre outras tantas - sem mensurar uma importância distinta entre elas. A literatura está presente no mundo de forma tão real quanto os acontecimentos, os indivíduos e as memórias guardadas por eles e registradas pela história.

## **5 Considerações finais**

O que se tem atualmente é um leitor que não obtém mais a facilidade de receber boas e detalhadas críticas através das mídias, quase como de presente, como era possível antes da expansão digital. Os novos gêneros apontam para uma direção imediatista que não é voltada ao prazer da leitura, mas sim à uma absorção da maior quantidade possível de informações, ou teorias. Se por um lado no passado se obtinha a crítica ao folhear o jornal, ao ligar a televisão ou o rádio, por outro, hoje em dia, quem busca a crítica não a encontra de forma fácil e acessível, tem que buscá-la nos repositórios, nas revistas científicas ou artigos, isso não faz parte do cotidiano do amplo público, está longe da realidade cotidiana e do alcance das grandes massas.

Esse obstáculo ao acesso de críticas e também de obras literárias parece ter sido de grande relevância para uma certa desvalorização do livro, não somente entre os leitores habituais, também implica na dificuldade de formação de novos leitores. Se antes em um simples passeio pelas áreas mais urbanas era possível o encontro com bancas de revista, livrarias e sebos, hoje o paulatino desaparecimento desses lugares determina que os leitores habituais já mencionados, e também a escola, arquem junto com os críticos com a responsabilidade de se mediar a leitura e criar novos leitores.

Após a análise das críticas aqui apresentadas, conclui-se que é possível estabelecer uma visão de realidade sempre em relação com a literatura, esta visão apresenta-se como nova ao que diz respeito ao grau de importância entre as partes. Observou-se que tanto nas críticas que buscam conectar a obra com a história, com a sociedade ou com o próprio leitor, a relação com a realidade é de igualdade, nenhuma se sobrepõe sobre a outra, elas se complementam.

Partindo desta perspectiva também é possível observar que as diferentes correntes possuem muitos desdobramentos dentro de suas áreas de atuação. Estes desdobramentos levam à teoria do duplo, ou teoria do espelho como mencionada por Rocha. Planos duplos entre consciência e acontecimento, entre presente e passado, entre o que está fora e o que está dentro, entre ordem e desordem e ainda alguns muitos outros aspectos, como por exemplo o leitor que poderia ser objeto de futuras pesquisas ampliando assim consideravelmente o assunto aqui apresentado.

Neste sentido, conclui-se também que é de grande importância a necessidade de se criar novos espaços, comuns e acessíveis, para a literatura e crítica. A literatura brasileira possui todas as ferramentas, além de inesgotáveis objetos de pesquisa e crítica para instigar a renovação da relação entre o livro e a sociedade. Através dos críticos, que são importantes mediadores de leitura, pode-se obter uma nova geração de leitores, que valorizem a literatura nacional, tornando esta assim como a relação entre realidade e literatura, em nível de igualdade e importância com a literatura internacional.

Uma nova geração de leitores engajados é possível através da escola e do exemplo da sociedade, independentemente da evolução tecnológica e dos meios de propagação da mesma, a literatura possui valor indispensável para a criação e evolução de uma sociedade mais humana e mais crítica.

## Referências

- ARISTÓTELES. **Poética**. SOUSA, Eudoro de. (tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices). Coleção Estudos gerais/ série universitária. Imprensa Nacional- Casa da Moeda. 4ª ed. 1994.
- AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 1971 [1946].
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CANDIDO, Antonio. (1970) Dialética da Malandragem. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n.8, 67-89, 1970. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i8p67-89>. Acesso em: 5 jul de 2024.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo parte I. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. 15. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.
- LUDMER, Josefina. **Aquí América Latina: una especulación**. 1. ed. Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, 2010. 224.p.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. **Clareza e mistério da crítica**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.
- PRIGOL, V. Metáforas do literário. In: SNICHELOTTO, C. A. R., and LUZ, M. N. S., eds. **Estudos linguísticos da/na Fronteira Sul** [online]. Chapecó: Editora UFFS, 2021, pp. 73-84. ISBN: 978-65-86545-46-3.
- ROCHA, João Cezar de Castro. **Crítica literária: em busca do tempo perdido?**. Chapecó: Argos, 2011. 443 p.
- ROCHA, João Cezar de Castro. “A farda e o fardão [“O espelho”, de Machado de Assis]”. **Jornal do Brasil / Ideias**, p. 6, 2 de setembro de 2006.
- ZILBERMAN, Regina. HOSSNE, Andrea Saad; NAKAGOME, Patricia Trindade. (Org.). **Leitores e leituras na contemporaneidade**. Araraquara: Letraria, 2019. p. 11-26.

**RESUMEN:** Este trabajo se desarrolló a partir de reflexiones en torno al desplazamiento del libro como principal vector de creación de lectores y los cambios constantes en la crítica literaria a lo largo de las transformaciones de las tecnologías y medios digitales abordados en el libro. *Crítica literaria: ¿en busca del tiempo perdido?* Por João Cezar de Castro Rocha. Desde esta perspectiva, esta investigación busca identificar los factores que caracterizan la búsqueda de la realidad en la literatura. Esta pregunta parece recurrente entre la crítica contemporánea; sin embargo, esta práctica también ha ocurrido en la crítica del pasado. Para este estudio, se utilizó el texto de João Cezar de Castro Rocha "El uniforme y la carga [El espejo, de Machado de Assis]". y su metáfora del espejo, textos de Erich Auerbach presentes en el libro *Mimesis: la representación de la realidad en la cultura occidental* "La Media Marrón", "La Cicatriz de Ulises", "Epílogo" y "Dialéctica de la Picazón" de Antonio Cándido. El análisis de estas críticas, cada una dentro de su propio contexto histórico y social, revela las diferentes maneras de relacionar la realidad con la literatura, así como la conducta del lector al buscar en la literatura un reflejo de la realidad que despierte su interés por la obra. Esto caracteriza un movimiento de lectura que busca una relación intrínseca con la realidad en las diferentes formas y representaciones utilizadas por escritores y críticos.

**PALABRAS CLAVE:** Crítica literaria; realidad; literatura; teoría del espejo.